

A GLOBALIZAÇÃO E A CIVILIZAÇÃO DO AMOR

GLOBALIZATION AND THE CIVILIZATION OF LOVE

Viviane Masotti¹

Wagner Balera²

RESUMO: O trabalho resume e compendia a proposta de Paulo VI, que pretende identificar o futuro da humanidade naquele programa e projeto, denominado civilização do amor. Não se trata de ideal utópico, mas de concreta caminhada de superação dos movimentos do ódio, do egoísmo e colocar no lugar dessas dimensões excludentes os propósitos ideais da solidariedade, constituída a partir da educação para a liberdade e com esteio no humanismo integral.

PALAVRAS-CHAVE: Civilização do Amor, Solidariedade, Humanismo Integral, Globalização.

ABSTRACT: *The work summarizes the proposal of Paul VI, which identifies the future of humanity in that program called the civilization of love. It is not a utopian ideal, but a concrete way of overcoming the movements of hatred, of selfishness and putting in place of these exclusionary dimensions the ideal purposes of solidarity, constituted from education for freedom and with a focus on integral humanism.*

KEY WORDS: *Civilization of love; solidarity; integral humanism; globalization.*

SUMÁRIO: Introdução; 2. A Civilização do Amor na Doutrina Social da Igreja; 3. A Globalização como vetor de realização da Civilização do Amor; 4. O papel da Educação na concretização do ideário fraterno e solidário; 5. Desafios; 6. Conclusão. Referências Bibliográficas.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização pode ser o vetor mais importante para a concretização do ideal da “civilização do amor”.

Mas o que dizer ou pensar deste “amor”? Em tempos que apregoam as liberdades individuais, as possibilidades da tecnologia, o encurtamento das distâncias entre as

¹ Viviane Masotti, advogada, professora, Mestre em Direito das Relações Sociais pela PUC/SP.

² Wagner Balera, Professor Titular de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da PUC-SP.

pessoas, as modernas composições familiares, ao mesmo tempo em que crescem os eventos de intolerância, medo e violências em nível global, falar em “civilização do amor” soa como utopia. Afinal, que amor é esse?

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos; Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.³

O tema que nos incumbe – Globalização e a Civilização do Amor – pode ser enfocado sob diversos prismas: desafio, possibilidade, desejo.

Ademais, o tema se insere no contexto da Globalização, cujas características são informadas pela sociedade de risco global e pelos direitos humanos (em seus aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais).

O capitalismo humanista⁴ aparece como proposta viável e sustentável, diante do fracasso tanto do capitalismo tradicional quanto do socialismo em atingir o equilíbrio no *status* de bem-estar da humanidade. Neste mesmo contexto, o direito humano ao desenvolvimento sustentável e a solidariedade ganham força.

Importa considerar que o fundamento teórico de todos esses direitos repousa na concepção de humanismo formulada por Maritain⁵. Nesse ideário, o primado da pessoa, *imago Dei*, é valor intrínseco e a dignidade o mote inspirador de toda a existência.

³ Epístola de São Paulo aos Coríntios, 13:1-13.

⁴ Vide, por todos, Ricardo Sayeg e Wagner Balera. **O Capitalismo Humanista**. Petrópolis:KBR. 2011, no qual é proposta a evolução do capitalismo, da perspectiva selvagem para dimensão humanitária, com maior equilíbrio e respeito entre as partes, de modo a tornar sustentável a relação econômica dos e entre os povos.

⁵ MARITAIN, Jacques. Humanismo Integral. São Paulo: Dominus, 4. 1962, tradução de Afrânio Coutinho.

A qualidade da pessoa humana, reveladora da fraternidade universal como algo conatural, porque somos irmãos; porque somos vocacionados à sociabilidade solidária, porque se quer relacionamentos excludentes de ódios e de conflitos e, finalmente, porque só a relação de amor é reveladora da única Verdade grafada com maiúscula.

Destarte, o que aqui é chamado de “amor” sumaria o que de mais fraternal e solidário pode ser encontrado entre os homens.

A doutrina social da Igreja apresenta a partir deste fundamento o objetivo maior a ser alcançado: a “Civilização do Amor”.

Carl Anderson⁶ apresenta os desafios que a Igreja Católica apresenta às culturas, a partir do ideário revelador da verdadeira vocação de cada pessoa. Esses desafios decorrem da crença na “Civilização do Amor”, como efetivo deslinde dos problemas modernos do homem, que busca sentido e propósito de vida, e afirma:

And while I believe the building of a civilization of love is the responsibility of every Christian, all Christians must work to realize this vision in such a way tha Jews, Muslims, and others are welcome to participate. (ANDERSEN, 2008)

1. A CIVILIZAÇÃO DO AMOR NA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

A palavra “amor” se acha grafada dez vezes na Encíclica *Populorum progressio*, lançada em 1967,⁷ como tendo liame com a atitude fraterna e desinteressada daqueles que transmitem a tecnologia para o desenvolvimento dos povos, um exercício de *solidariedade*⁸. Trata-se da ajuda dada por amor. Trata-se do amor como valor principal, verdadeira vocação do homem.

⁶ Anderson, Carl. **A Civilization of Love, What Every Catholic Can do to Transform the World.** HarperCollins e-books. Austrália, 2008.

⁷ São Paulo VI. **Carta encíclica Populorum progressio.** 26 de março de 1967. Publicação em homenagem aos seus quarenta anos. Centro de Documentação Eletrônica Beato João XXIII. São Paulo, 2007.

⁸ Destaque seja dado aos seguintes textos que acentuam o amor fraterno e solidário:

“A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão.”

“Se a procura do desenvolvimento pede um número cada vez maior de técnicos, exige cada vez mais sábios, capazes de reflexão profunda, em busca de humanismo novo, que permita ao homem moderno o encontro de si mesmo, assumindo os valores superiores do amor, da amizade, da oração e da contemplação.”

“A mensagem que trazem corre o risco de não ser aceita, se não é revestida de amor fraterno.”

“À competência técnica necessária é preciso juntar sinais autênticos de amor desinteressado.”

“Deem-se as mãos fraternalmente, as pessoas, os grupos sociais e as nações, o forte ajudando o fraco a crescer, oferecendo-lhe toda a sua competência, entusiasmo e amor desinteressado.”

Cumpra sublinhar que esse Documento não utiliza a expressão “civilização do amor”, mas é um verdadeiro chamado à civilização de solidariedade mundial⁹, como objetivo principal dos esforços de desenvolvimento, “*não só econômico, mas também humano*”, o que não pode deixar de desvelar o social.

A tão necessária solidariedade decorre da grave constatação:

O mundo está doente. O seu mal reside menos na dilapidação dos recursos ou no seu açambarcamento, por parte de poucos, do que na falta de fraternidade entre os homens e entre os povos.¹⁰

Ainda na *Populorum progressio* importa destacar as seguintes características e objetivos:

- Diálogo sincero entre pessoas e civilizações como criador da fraternidade;
- Civilização de solidariedade mundial, fruto da busca do desenvolvimento pelo esforço comum dos povos, motivados por amor fraterno;
- Surge um novo diálogo centrado no Homem e não nas mercadorias;
- Busca-se o desenvolvimento, não só econômico, mas também humano, atingido a partir de técnicos/educadores que compartilhem características espirituais e morais elevadas. O verdadeiro desenvolvimento é o que garante a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas.
- Levar e ensinar desenvolvimento consistente e autossustentável contribuiria para a paz do mundo.

Com efeito, a expressão “civilização do amor” só seria utilizada pela primeira vez em um contexto espiritual. Disse o Papa, na recitação do Regina Caeli, de 17 de maio

“Este caminho para mais humanidade pede esforço e sacrifício: mas o próprio sofrimento, aceito por amor dos nossos irmãos, é portador de progresso para toda a família humana.”

“Educadores, compete a vós estimular, desde a infância, o amor para com os povos que vivem na miséria.”

⁹ “Entre as civilizações, como entre as pessoas, o diálogo sincero torna-se criador de fraternidade. A busca do desenvolvimento há de aproximar os povos nas realizações, fruto de esforço comum, se todos, desde os governos e seus representantes até ao mais humildes dos técnicos, estiverem animados de amor fraterno e movidos pelo desejo sincero de construir uma civilização de solidariedade mundial. Então, abrir-se-á um diálogo centrado no homem e não nas mercadorias ou nas técnicas. E será fecundo, na medida em que trazer aos povos, que dele beneficiam, os meios para se educarem e espiritualizarem; na medida em que os técnicos se fizerem educadores; e na medida em que o ensino dado tiver características espirituais e morais tão elevadas, que possa garantir um desenvolvimento, não só econômico, mas também humano. Terminada a assistência, permanecerão as relações assim estabelecidas. Quem pode deixar de reconhecer quanto estas hão de contribuir para a paz do mundo?”

¹⁰ Papa Paulo VI, **Encíclica Populorum progressio**, idem.

de 1970: “Foi a civilização do amor e da paz que Pentecostes inaugurou. E todos sabemos se, ainda hoje, o mundo tem ou não necessidade de amor e da paz!”¹¹.

O tema seria retomado na *homilia* com a qual se celebrava o encerramento do Ano Santo, no dia de Natal de 1975, quando profetiza que será a civilização do amor o vetor de transformação do mundo.¹²

São Paulo VI já apontava que o contexto trazido na Encíclica *Rerum novarum* sobre a questão social não só continuava pertinente, mas ampliado, universalizado. Reconhece o crescimento das dificuldades enfrentadas por muitos povos e prega que a ajuda “técnica” fornecida a eles seja educativa/colaborativa (e não como conquistadora ou dominadora), pois isso permitiria o desenvolvimento mais humano de todos.

Ao propor a solução para a questão social constata que essa é viabilizada pela via do desenvolvimento que se socorre da colaboração de várias “civilizações” e mediante a ocorrência de trocas econômicas, sociais e culturais entre povos, animados pelo amor fraterno.

Eis o cerne da nova *globalização* vocacionada e animada pelo amor, que será o eixo a partir do qual desenvolvimento humano e social alcançará o respectivo apogeu.

Em um contexto positivo de colaboração mútua, em que a pessoa é ao mesmo tempo agente e destinatário, a *globalização* e o desenvolvimento sustentável podem canalizar os esforços em prol de uma civilização mais humana que econômica, atingindo a “civilização do amor”.

São João Paulo II, por ocasião da comemoração do centenário da *Rerum novarum*, na Carta Encíclica *Centesimus annus*¹³, avalia a evolução do conceito da doutrina social da Igreja, afirmando:

Deste modo o princípio, que hoje designamos de **solidariedade**, e cuja validade, quer na ordem interna de cada Nação, quer na ordem internacional, sublinhei na *Sollicitudo rei socialis*, **apresenta-se como um dos princípios basilares da concepção cristã da organização social e política**. Várias vezes Leão XIII o enuncia, com o nome “amizade”, que encontramos já na filosofia grega; desde Pio XI é designado pela expressão mais significativa “caridade social”, enquanto Paulo VI, ampliando o conceito na linha das múltiplas dimensões atuais

¹¹ http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html

¹² http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19751225.html

¹³ Carta Encíclica *Centesimus annus* No Centenário da *Rerum novarum* – João Paulo II, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996. Consulta virtual em 5/5/2018 pelo link https://books.google.com.br/books?id=IEtqAbn0eU4C&pg=PA19&lpg=PA19&dq=encerramento+ano+santo+1975+paulo+vi&source=bl&ots=VV6JYMXt1F&sig=q_BZtyqmdxVpEgxXJA4IN9gCsAY&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwj736LaxrDbAhWIGpAKHTKiDIIsQ6AEIXDAM#v=onepage&q&f=false

da questão social, falava de “civilização do amor”. Vide Paulo VI na Homilia no encerramento do Ano Santo (25/12/75)

Ainda, nas palavras do Romano Pontífice:

aquilo que serve de trama e, em certo sentido, de linha condutora da Encíclica, e de toda a doutrina social da Igreja, é a correta concepção da pessoa humana e do seu valor único, enquanto **“o homem (é) a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma”**. Nele gravou a Sua imagem e semelhança, conferindo-lhe uma dignidade incomparável, sobre a qual a Encíclica retorna várias vezes. Com efeito, além dos direitos que cada homem adquire com o próprio trabalho, existem direitos que não são correlativos a qualquer obra por ele realizada, mas derivam da sua dignidade essencial de pessoa.

O mesmo Santo Pontífice utiliza a expressão em diversas mensagens, corroborando o que, para Paulo VI, seria “o ideal que deve inspirar a vida cultural, social, política e econômica do nosso tempo.” Ainda, ao mencionar suas preocupações com relação ao aumento do alcance da comunicação global e os riscos e problemas da migração, refere-se aos necessários valores comuns no diálogo entre as diferentes culturas dos povos:

A consciência dos valores comuns – O diálogo entre as culturas, instrumento privilegiado para construir a civilização do amor, assenta na consciência de que há valores comuns a todas as culturas, porque radicados na natureza da pessoa. É nesses valores que a humanidade exprime os seus traços mais autênticos e qualificantes. Deixando cair ressalvas ideológicas e egoísmos de grupo, é preciso cultivar nos espíritos a consciência destes valores, para alimentar aquele humus cultural de natureza universal que torna possível o fecundo desenrolar dum diálogo construtivo.¹⁴

João Paulo II lança as bases fundamentais da Civilização do Amor. Dentre as principais, destaca-se a educação, pois a partir do diálogo entre as culturas importa remover egoísmos locais, ampliar a compreensão da realidade dos outros e respeitar diversidades a fim de que se chegue a experiências bem-sucedidas de fraternidade e solidariedade. E a educação, como prática da liberdade, na feliz definição de Paulo Freire,¹⁵ tem esse papel de conscientizar os povos sobre suas próprias culturas e também sobre

14 MENSAGEM DE SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXIV DIA MUNDIAL DA PAZ- 1º DE JANEIRO DE 2001 DIÁLOGO ENTRE AS CULTURAS PARA UMA CIVILIZAÇÃO DO AMOR E DA PAZ - https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html

15 PAULO FREIRE, **Educação como prática da liberdade**. Rio: Paz e Terra, 1967.

os valores morais e respeito às outras culturas para que se aceitem as diferenças e se conviva de forma a que todos se desenvolvam.

Os jovens são tidos como o futuro da humanidade, pois terão oportunidade, a partir da educação recebida, de agirem em busca do bem comum de todos indo além das preocupações individuais: “sois o futuro da humanidade e as pedras vivas para construir a civilização do amor.”¹⁶

O Papa Bento XVI, por seu turno, ao se referir à “civilização do amor” em mensagem transmitida por meio de videoconferência a universitários brasileiros que participavam de vigília conjunta com jovens de vários países, em 1/3/2008, sob o tema: “A Europa e as Américas juntas para construir uma civilização de amor”, assim se expressou:

Infelizmente, a assim chamada Civilização Ocidental, em algumas situações, traiu a sua inspiração evangélica. É urgente, portanto, uma honesta e sincera reflexão, um exame de consciência. É necessário discernir entre o que constrói uma civilização do amor, segundo o desígnio de Deus, revelado em Jesus Cristo entre aquilo a que a ela se opõe.

Deus chama vocês, jovens europeus e americanos, a cooperar juntamente com os vossos amigos do mundo inteiro para que a seiva do evangelho renove a civilização destes dois continentes e toda a humanidade. As grandes cidades europeias e americanas estão em constante crescimento, mas, frequentemente, falta esta seiva capaz de fazer com que as diferenças não sejam motivo de divisão e conflito, mas de enriquecimento recíproco.

A civilização do amor é um lugar de convivência. Uma convivência respeitosa, pacífica e alegre, mesmo com diferenças. Tudo em nome de um projeto comum. Assim já anunciava o Beato João XXIII: Uma civilização baseada em quatro pilastras: amor, verdade, liberdade e justiça.¹⁷

O Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si*¹⁸, fala na fraternidade universal, baseada no fato de sermos todos irmãos como filhos de Deus. Alerta sobre a responsabilidade de todos para com o mundo. Amor gratuito, honestidade, bondade, ética, fé, moral valem a pena e devem ser resgatados contra a superficialidade da defesa dos próprios interesses. Defende a validade do pequeno caminho do amor, por

16 JOÃO PAULO II, idem.

17 Papa Bento VI, texto disponível no link:

https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080301_rosary.html Acessado em 05/05/18

18 Papa Francisco, Encíclica *Laudato Si*, disponível no link http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acessado em 8/5/18

meio de gestos cotidianos de gentileza que quebrariam a lógica da violência e exploração. Sua definição sobre as características da civilização do amor é excelente:

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também **“as macro relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos”**. Por isso, a Igreja propôs ao mundo o ideal de uma **“civilização do amor”**. O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico: Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir. Neste contexto, juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade. Quando alguém reconhece a vocação de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua espiritualidade, é exercício da caridade e, deste modo, amadurece e se santifica.¹⁹

2. A GLOBALIZAÇÃO COMO VETOR DE REALIZAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO DO AMOR

O que se entende por globalização? Inicialmente esse fenômeno pode ser encarado sob enfoque econômico, tendo significação mais próxima das leis de Mercado. Vale dizer o que se pretende é a integração entre grupos econômicos e nações. Não apenas em relação à comercialização de produtos fabricados/elaborados na nação “A” e consumidos pelas nações “B”, “C” ou “D”. Mas em relação à fabricação globalizada, com a participação tanto na produção quanto no consumo de várias nações, organizações internacionais e trabalhadores internalizados ou expatriados.

Os benefícios de tal globalização acabam concentrados nas nações e setores de maior tecnologia, mantendo o desenvolvimento restrito à mesma “elite” globalizada. Já São JOÃO XXIII alertava:

aos países, que dispõem com exuberância de meios de subsistência, o dever de não permanecerem indiferentes diante das comunidades políticas cujos membros lutam contra as dificuldades da indigência, da miséria e da fome, e não gozam dos direitos

¹⁹ Papa Francisco. *Encíclica Laudato Si*, idem.

elementares da pessoa humana. Tanto mais que, dada a interdependência cada vez maior entre os povos, não é possível que entre eles reine uma paz durável e fecunda, se o desnível das condições econômicas e sociais for excessivo.²⁰

Não pode evidentemente ser esse o caminho da civilização do amor!

O mesmo acontece em relação à cultura, em que as instituições dominantes impõem padronização de valores por meio da massificação e circulação de informações, nem sempre verídicas, cada vez mais acessíveis às populações interligadas em redes sociais e outros meios eletrônicos. Perde-se a diversidade e as características específicas culturais de cada povo.

A globalização, da forma como tem sido conduzida pelo capitalismo, com a economia predadora, selvagem e desumana, faz com que estejamos cada vez mais próximos de políticas de exclusão e exploração. Importa, antes, aproveitar as facilidades de intercomunicação e contato entre diferentes nações a fim de que seja expandida a solidariedade, a tolerância e a colaboração.

Antes de fruir das liberdades trazidas pela autorregulação do Mercado, da economia de trocas e comercialização entre os povos, cujo foco deveria ser a pessoa e não prioritariamente o econômico, a globalização concentra o desenvolvimento apenas para certos grupos. O resultado é o desequilíbrio ambiental pelo esgotamento dos recursos naturais, o aumento do desemprego, o crescimento da distância social entre as classes econômicas, a lesão à dignidade da pessoa humana em várias áreas.

Recorda o Cardeal HOFFNER: “A economia não é um autômato, mas um processo cultural a ser estruturado pela vontade ordenada e ordenadora do homem e também pelo Estado”.²¹

Cumpra, destarte, imprimir diretrizes à economia que levem em conta não apenas as vontades do “deus” Mercado, mas as exigências sociais e o papel ordenador do Estado.

Como alertou-se em outro escrito:

o fenômeno da globalização mais acirrou a busca egoísta pelas lideranças mundiais, em determinados setores, cujo propósito deveria ser posto a serviço do ideário da civilização do amor. O programa da

²⁰ JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra*, de 15 de maio de 1961. Ponto 157. In: Encíclicas e Documentos Sociais. São Paulo: LTr, 1991. Coletânea organizada por Antonio De Sanctis, p. 266.

²¹ JOSEPH HOFFNER. **Doutrina Social Cristã**. São Paulo: Loyola. 1986. Tradução de José Maria Wisniewski, p. 186.

civilização do amor organiza, impõe e sustenta a solidariedade como elemento essencial de convivência humana.

Uma ordenação econômica que mantenha em retentiva a solidariedade não tolera nenhuma modalidade de embargo como instrumento de coação política ou ideológica, que acaba não atingindo os governantes, mas sempre atinge o povo pobre. A solidariedade exige que uma nova ordem econômica internacional governe as relações entre povos e que a economia esteja a serviço da distribuição dos bens deste mundo.²²

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja sublinha que: “Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor da vida social – no plano político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir”.²³

3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA CONCRETIZAÇÃO DO IDEÁRIO FRATERNAL E SOLIDÁRIO

A educação pode ser a única saída para permitir que a globalização seja aproveitada em prol da solidariedade. O aprendizado sobre os valores intrínsecos da pessoa, sobre a missão do ser humano, sobre o amor acima de tudo como arma contra a exclusão social e a intolerância. Se a comunicação é global, também a solidariedade e o amor podem sê-lo. E é esta globalização da solidariedade, por meio do respeito entre os cidadãos das diversas nações, que pode revelar e incentivar a descoberta da característica maior do homem, sua vocação para o amor fraterno. E, assim, em algum momento especial, pode-se chegar mais perto do que se prega como a Civilização do Amor.

EDUCAR AO HUMANISMO SOLIDÁRIO – Para construir a “Civilização do Amor”

Por ocasião das *solenidades da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, a festa da Páscoa, em 16 de abril de 2017*, a Congregação para a Educação Cristã gerou documento que aborda as principais diretrizes da educação para o Humanismo Solidário, fundamento da Civilização do Amor.

²² Balera, Wagner. “A civilização do amor”, Jornal *O São Paulo*, edição 3.058, de 1 a 7 de julho de 2015. Texto disponível no link: <http://feculturapucsp.blogspot.com/2015/07/a-civilizacao-do-amor.html> Acessado em 8/5/18.

²³ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. Compêndio da doutrina social da igreja. São Paulo: Paulinas, 2005, ponto 582.

Passados 50 anos da *Populorum progressio*, considerado o documento programático da missão da Igreja na era da globalização, a realidade é que apesar de muitas manifestações de solidariedade e fraternidade diante das grandes tragédias e problemas humanitários, ainda se enfrentam os desafios de usar a globalização a favor da sociedade global fraterna, pela globalização da Esperança e com o auxílio da educação cristã.²⁴

Também se sustentou em outro escrito: no campo da política, o desenvolvimento se mostra como o melhor instrumento para que o humanismo ascenda ao primeiro plano das relações entre povos, nações e pessoas.²⁵

4. DESAFIOS

Os desafios apresentados pela globalização, notadamente as imensas desigualdades causadas pela fome e pela quantidade de refugiados em movimento global, só serão superados com o advento da Civilização do Amor.

Sublinha Patrick de Laubier que a Civilização do Amor representa, a seu modo, o hosana da história.

Donde que não se cuida de expectativa de cunho exclusivamente espiritual. Esse autor adverte que:

Para aguardar uma civilização do amor é mister não apenas crer nela e esperá-la, mas ainda fazer-se certa ideia daquilo que ela poderia ser a fim de contribuir ativamente para a sua vinda, ainda que essa participação seja uma condição necessária embora insuficiente.²⁶

Só o amor, o desenvolvimento centrado na pessoa humana, no contexto do humanismo integral, do Homem à imagem e semelhança de Deus e, portanto, unido na sociedade global pelo valor inerente de ser, por meio do respeito às diversidades culturais, pode transformar a humanidade. Inclusive buscando um equilíbrio entre as relações, não apenas do Ocidente.

24 Texto “EDUCAR AO HUMANISMO SOLIDÁRIO – Para construir uma Civilização do Amor” disponível no link: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html Acessado em 8/5/18

25 WAGNER BALERA. **Desenvolvimento:** caminho para a civilização do amor. Jornal *O São Paulo*, 17 de outubro de 2018.

26 PATRICK DE LAUBIER. **As três cidades:** o conteúdo da mensagem social cristã. São Paulo: LTr. 2002, p. 278.

Os documentos da doutrina social da Igreja indicam que o advento da Civilização do Amor há de superar o terreno das utopias, pois todos devem estar perfilados a esse projeto. Todos os povos; todas as culturas. Eis o grande, talvez o maior dos desafios! Pois aquilo que se chama de globalização aproxima os povos, mas não todos. A interação social ainda é limitada ou compartimentada entre povos com culturas afins, excluindo outros por questões políticas, econômicas ou mesmo culturais.

Importa, destarte, buscar características consideradas comuns entre todos os povos. Respeitada e aceita por todos, independentemente de visões e valores distintos que são naturais nas sociedades onde a democracia é a pauta central de atuação.

5. CONCLUSÃO

O pano de fundo da Civilização do Amor é o primado da pessoa. E: “o que há de mais profundo na pessoa, sua vocação eterna, assim como os bens ligados a esta vocação, é superordenado a esta obra comum e a finaliza”.²⁷

Dessa forma, seria possível atingir o bem comum, pelas ações da pessoa, para a pessoa, sem necessidade de intervenção do Estado ou de políticas públicas. O problema a enfrentar aqui talvez seja a necessidade de conscientização da pessoa dessa característica tão importante que lhe é inerente. Pois tal essência parece estar encoberta, ainda por despertar por meio da educação.

Na essência do Homem, a partir da teoria do Humanismo Integral, se estabelece o movimento contínuo na interação em sociedade, pela qual o fenômeno da fraternidade natural entre os homens os leva às ações de solidariedade, reforçando a própria fraternidade. Se for inserido aqui o tipo de civilização resultante dessas ações em âmbito global, mantida a interação das pessoas em sua totalidade inerente, independentemente das diferenças sociais, econômicas, culturais e políticas, haverá a concretização da Civilização do Amor.

Assim, como forma de realizar a ideia, utópica, mas não impossível, da Civilização do Amor, ou de civilização equilibrada, justa, solidária, é essencial: atingir os objetivos do desenvolvimento social, cultural e econômico, em âmbito globalizado e não setorizado; incentivar e ampliar as ações fraternas e solidárias das pessoas, tendo como consequência o bem comum. Dessa forma, esse bem comum globalizado poderia ser aqui

²⁷ MARITAIN, J. **Humanismo Integral**. citado. p. 108.

classificado como a concretização da Civilização do Amor, pregada pela doutrina social da Igreja Católica, mas roupa que sirva a qualquer pessoa de qualquer nação ou religião, pelo reconhecimento básico e fundamental do valor da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Educação para o Humanismo Solidário - Texto disponível no link: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html Acessado em 8/5/18

Anderson, Carl A. **A civilization of Love** – What every catholic can do to transform the World. Harper Collins E-books, 2008.

BALERA, Wagner. **Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento Anotada**. Curitiba: Juruá, 2015.

A civilização do amor. *Jornal O São Paulo*, edição 3.058, de 1 a 7 de julho de 2015. Texto disponível no link: <http://feculturapucsp.blogspot.com/2015/07/a-civilizacao-do-amor.html> Acessado em 8/5/18.

Desenvolvimento: caminho para a civilização do amor. *Jornal O São Paulo*, edição de 17 de outubro de 2018. In: <http://www.osaopaulo.org.br/colunas/desenvolvimento-caminho-para-a-civilizacao-do-amor>

BALERA, Wagner e SOARES DA SILVA, Roberta. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Verbatim, 2018.

BASTOS DE ÁVILA, Fernando. **Solidarismo**: alternativa para a globalização. Aparecida: Santuário, 1997.

BAUMAN, Z. **Globalização** – as consequências humanas. Ro: Zahar, 1999, Tradução de Marcus Penchel.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo**. Hacia una nueva modernidad. Barcelona: Paidós, Tradução de Rosa S. Carbó, 2007.

BENTO XVI, texto disponível no link: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080301_rosary.html Acessado em 5/5/18.

DUARTE, Juliana e PELLINI, Jr. **Crise Econômica**. Demissões em Massa, Direitos Fundamentais e o Capitalismo Humanista. In: Estudos do Capitalismo Humanista Rio: Lumen Juris, 2017. Páginas 167 e seguintes.

FRANCISCO, Encíclica Laudato Si. Disponível no link http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acessado em 08/05/18

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio: Paz e Terra, 1967.

FURTADO, Celso. O capitalismo pós-nacional. In: **Economia do Desenvolvimento**. Rio: Contraponto, 2008, páginas 171 e seguintes.

GEORGE, Susan. **O Relatório Lugano**. São Paulo: BOITEMPO. 2002.

GIDENS, Anthony. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: Modernização Reflexiva. São Paulo: Editora UNESP, 1997, Página 73 e seguintes.

JOSEPH HOFFNER. **Doutrina Social Cristã**. São Paulo: Loyola. 1986. Tradução de José Maria Wisniewski.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio: Civilização Brasileira, 1985.

IANNI, Octavio. **Sociedade Global**. Rio: Civilização Brasileira, 1992.

JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra*, de 15 de maio de 1961. Ponto 157. In: **Encíclicas e Documentos Sociais**. São Paulo: LTr, 1991. Coletânea organizada por Antonio De Sanctis.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Centesimus annus**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

Mensagem para a Celebração do XXXIV Dia Mundial da Paz. 1º de janeiro de 2001. https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html

LAUBIER. PATRICK de. **As três cidades**: o conteúdo da mensagem social cristã. São Paulo: LTr. 2002.

LONGCHAMP, Albert. **Globalização**: o novo nome do desenvolvimento? In: Globalização e fé. Bauru: EDUSC, 2000. Páginas 123 e seguintes.

PAULO VI, **Carta encíclica Populorum progressio**. 26 de março de 1967. Publicação em homenagem aos seus quarenta anos. Centro de Documentação Eletrônica Beato João XXIII. São Paulo, 2007.

Homilia de encerramento do Ano Santo, 25 de dezembro de 1975.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. Compêndio da doutrina social da igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANTOS, Boaventura S. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 5ª. 1999. Textos: 1. Modernidade e cultura de fronteira, páginas 135 e seguintes; 2. O Norte, o Sul e a Utopia, páginas 281 e seguintes.

SAYEG, Ricardo e BALERA, Wagner. **Capitalismo Humanista**. Petrópolis: KBR, 2011.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, tradução de Laura T. Mota. 2000.

SILVA CARDOSO, Alenilton. **O problema social da indiferença no contexto ético da solidariedade**. In: *Capitalismo Humanista e Direitos Humanos*. Florianópolis: Conceito, páginas 121 e seguintes.